

2 de julho de 1958

**Seminário da quarta-feira de 2 de julho de 1958**

Estamos chegando ao final deste seminário deste ano que coloquei sob o título *formações do inconsciente*. Talvez vocês possam ver agora a oportunidade deste título: formações, formas, relações, talvez topologia. Eu tinha motivos para evitar espantar seus ouvidos com essas palavras.

Penso que alguma coisa deve ficar como um passo, como um degrau, mais exatamente como algo sobre que se possa por o pé, para subir ao patamar superior ano próximo. É algo que lhes mostra que não se pode articular o que quer que seja que diga respeito aos mecanismos do inconsciente que são o fundamento da experiência e da descoberta de Freud, aludindo somente a tensões consideradas como sendo, elas mesmas, somente o objeto de uma espécie de progresso maturativo ao registro que desabrocha no leque do pré-genital e do genital, isso, por um lado; também não se pode aludir às relações de identificação tais que aparentemente - digo aparentemente - nos são dadas no decurso da obra freudiana.

Se se quisesse reduzir esta relação a uma espécie de coleção de personagens, se quiserem, à maneira da comédia italiana, nos quais viriam em primeiro plano, por exemplo, termos como a mãe, o pai, complementados por alguns outros.

O que eu quis mostrar é que é impossível articular algo nem neste progresso da fixação do desejo nem nesta intersubjetividade que vem no primeiro plano de nossa experiência e de nossas preocupações na análise, se não as situarmos em relação a algo que se chama as condições, as relações necessárias, que impõem não só ao desejo do homem, mas ao sujeito como tal, relações de significante.

É por isso que ao longo deste ano, tentei familiarizá-los com este pequeno grafo que, quanto a mim, me parece oportuno, desde algum tempo, pôr em uso para trazer minhas experiências, para distinguir coisas que, por exemplo, para tomar este significante encontrado em todo lugar, e com toda razão, posto que não pode não estar implicado direta ou indiretamente, toda vez que se trata, não de qualquer significação, mas da significação na qualidade de expressamente gerada pelas condições que impõe ao organismo, este organismo vivo que se tornou o suporte, a presa, até, a vítima da palavra, que se chama o homem.

Eu retomarei isto hoje, simplesmente para colocá-los no limiar dessa pluripresença, eu diria do significante falo num caso determinado, sempre o mesmo, aquele que nos ocupa desde algumas sessões, e para simplesmente indicar que é extremamente importante distinguir os lugares onde, no sujeito, o significante falo faz sua aparição.

Dizer que a tomada de consciência do desejo do pênis é capital numa análise de neurose obsessiva feminina, é dizer algo evidente, pois se nunca se tivesse encontrado o falo numa análise, feminina ou não, de uma neurose obsessiva, e até, de qualquer neurose, seria verdadeiramente muito estranho.

É possível que, à força de conduzir a análise numa certa direção, aquela que está articulada em *A psicanálise dita de hoje*, é, a saber, a redução das produções fantasmáticas da transferência ao que se chama esta *realidade tão simples*, a saber, a situação analítica, isto é, que há ali duas pessoas que, evidentemente, não têm nada a ver com estes fantasmas. Quando se conseguir reduzir totalmente as coisas a esse esquema, talvez se possa conseguir

2 de julho de 1958

dispensar, completamente, esse falo na interpretação de uma análise. Mas ainda não estamos aí, pois tudo isso são formulações incompletas e, na verdade, nenhuma análise ocorre como esquematizada naquele livro, até agora.

Evidentemente temos alguma coisa a ver com esse significante falo, e dizer que a tomada de consciência, no caso, é a chave da solução da neurose obsessiva, é dizer pouca coisa, pois evidentemente tudo depende da maneira pela qual o interpretarem, o situarem, o entenderem, nos diferentes pontos onde aparece, e nos aparece, não desempenha uma função mais homóloga, tudo isso não é mais redutível a um desejo do pênis no sentido onde se trataria de uma rivalidade com o macho, como verdadeiramente nessa observação onde se termina em formulá-lo, a saber, assimilar as relações da doente com seu marido, com seu analista, com os outros em geral, que é inventada pela própria observação.

Evidentemente não é sob este ângulo que o falo aparece. Ele aparece em vários pontos. Vamos tentar simplesmente, sem pretender fazer uma análise exaustiva de uma observação, por sinal dada como uma análise não terminada, e, por outro lado, afinal, posto que não temos documentos senão parciais, mas certamente bastante bem colocados para nos permitir ter uma idéia justa.

Gostaria de começar fazendo algumas observações que introduzirão para vocês certas outras propriedades desse grafo de que nos servimos.

Algo aparece nessa observação, que nos é assinalado como sendo o sentimento de culpabilidade muito vivo que acompanha, na paciente, suas obsessões, por exemplo suas obsessões religiosas e, digamos, o paradoxo que representa a aparição tão marcada, que visa sentimentos de culpabilidade nas neuroses obsessivas, enquanto que, asseguradamente, pareceria que o sujeito pudesse considerar os pensamentos parasitários que lhe são impostos, como ele o faz, aliás, de maneira correlativa, como algo de alguma forma estranho e de que ele é mais vítima do que responsável.

Talvez isso nos permita tentarmos articular alguma coisa sobre esse sentimento de culpabilidade.

Em suma, desse algum tempo, quase que só se fala do termo *superau* [*surmoi*] que, aqui, parece haver abrangido tudo. Não se pode verdadeiramente dizer que ele tenha esclarecido muito as coisas, pois, na verdade, se quiserem observar as coisas de perto, e mui precisamente o que foi trazido na noção que o *superau* é algo muito mais antigo, arcaico como formação, que aquilo que haviam pensado no início, tinham pensado no início que o *superau* pudesse ser considerado como a criação correspondente a ambos os complexos: de Édipo [e de castração], e, como tinham escrito, à introjeção do personagem considerado como eminentemente interditor, o complexo de Édipo, é, a saber, o personagem paterno. Vocês sabem que a experiência nos tem forçado a mostrar que havia um *superau* um pouco mais antigo ou que esse algo que, por certos lados, nos impunha essa origem mais antiga, não ficava sem relação, nem, por um lado, com os efeitos de introjeção, nem, por outro, com os efeitos de interdição.

Mas tentemos, no entanto, examinar as coisas mais atentamente.

Eis a neurose obsessiva, e, como em toda e qualquer neurose, o que devemos fazer aparecer primeiro, na medida justamente em que não somos hipnotizadores, que não tratamos por meio da sugestão, mas que num ponto além em que, de alguma forma, marcamos com o sujeito um encontro, e nesse ponto marcado aqui pela segunda linha, a

2 de julho de 1958

linha superior, o horizonte, se quiserem, da articulação significativa, e de lá, o sujeito, como lhes expliquei longamente na última vez, é confrontado à sua demanda.

Isso não pode querer dizer outra coisa, quando falamos desse processo alternante de regressões e de identificações sucessivas, os dois alternando, posto que na medida em que encontra uma quando está regredindo, ele pára sobre o caminho da regressão que, inteiramente, se inscreve nessa cobertura retroativa que se abre ao sujeito assim que articula simplesmente sua palavra, isto é, na medida em que a palavra faz surgir todo o anterior e toda a história até sua origem, dessa demanda na qual toda sua vida de homem falante se inseriu.

Se observarmos atentamente, e aliás sem fazer outra coisa que não reencontrar aquilo que sempre foi articulado concernente à neurose obsessiva, há uma forma fundamental para a neurose obsessiva que encontramos nessa demanda, no horizonte de toda e qualquer demanda do sujeito e justamente aquilo que nele faz mais obstáculo à articulação dessa demanda, é algo que a experiência nos ensina a qualificar de agressividade, que nos levou mais e mais em direção à consideração e ao acesso daquilo que se pode chamar de *anseio de morte*.

A dificuldade inaugural, a dificuldade maior contra a qual se quebra, se fragmenta, se desarticula a demanda do obsessivo, o que motiva a anulação de todas as defesas e mui primordialmente nos grandes obcecados, aquele silêncio muitas vezes tão prolongado que vocês têm a maior dificuldade do mundo em vencer no decurso de uma análise, e eu o evoco aqui porque precisamente é aquilo que é evocado no caso sobre o qual me fundamento. É efetivamente que essa demanda é uma demanda de morte.

De fato, isto é muito surpreendente de ver, absolutamente exposto, repetido ao longo da observação, sem nunca ser verdadeiramente articulado, como se a participasse de não sei que expressão natural de uma tensão que, no fundo, é a relação dessa demanda de morte com a própria dificuldade de articulação que, no entanto, é conotada nas mesmas páginas, com a diferença de algumas linhas, e que absolutamente nunca é posta em relevo, destacada. E todavia, não é isso algo que requer que nos detenhamos sobre ele?

Se essa demanda for demanda de morte, se essa demanda é aquilo que desenha o horizonte da demanda do obsessivo, é porque suas primeiras relações com o Outro, como a teoria de Freud ensina, foram essencialmente compostas dessa contradição, a de que a demanda que se dirige ao Outro, de quem tudo depende, tem como horizonte, por uma razão que, por sinal, nesse momento está ligada ao gancho do ponto de interrogação, porque não devemos nos precipitar, veremos depois por que e como isso pode se conceber. Não é tão simples falar com a Sra. Mélanie Klein de pulsão agressiva primordial, se partirmos daí. Deixemos para lá qual espécie de exército, uma espécie de maldade primordial dessa criança de peito da qual o Marquês de Sade destaca que seu primeiro movimento, impulso, era, se pudesse, morder e rasgar o seio da mãe.

Certo, na verdade, esse problema do desejo em sua perversidade profunda é algo que nos traz de volta, e não em vão, a esse divino marquês que, vocês sabem, não foi o único, em seu tempo, que formulou, de maneira muito intensa e muito aguda, essa questão sobre as relações do desejo e da natureza, sobre essa harmonia ou desarmonia profunda que é, em suma, a base dessa interrogação apaixonada que é absolutamente inseparável de toda a filosofia dita da *Aufklärung* e que concernia completamente à literatura daquele tempo, sobre a qual, em seminários antigos - penso em meus primeiros seminários - tinha-me

2 de julho de 1958

apoiado, para mostrar uma analogia sobre a qual voltarei no próximo ano a propósito do desejo, sobre esse parentesco entre a interrogação primeira e a interrogação sobre o limite à sua clareza filosófica mas também a todo seu acompanhamento, a todo o seu tema de erotismo literário que dele faz o correlativo absolutamente indispensável.

Pois, não sabemos de onde vem essa demanda de morte. Antes de nos dizer que ela surge dos instintos mais primordiais, de uma natureza voltada contra si mesma, comecemos simplesmente por situá-la onde ela está, isto é, no nível onde ela - não diria se articula, mas impede toda e qualquer articulação da demanda do sujeito, onde ela faz obstáculo ao discurso do obsessivo, tanto quanto está só quando começa sua análise, quando se encontra nesse estado de confusão que, no caso, nosso analista nos descreve, a saber, essa espécie de impossibilidade de falar que sua analisada tem no início da análise, que não se traduz senão por censuras, injúrias, e até a exibição, a articulação de tudo quanto faz obstáculo a que uma doente fale a seu médico: *Conheço suficientemente bem os médicos, para saber que, entre si, eles zombam de seus doentes. O senhor é mais culto que eu; é impossível uma mulher conversar com um homem*

É um dilúvio que mostra simplesmente o surgimento correlativo da atividade da palavra, dessa dificuldade da articulação simples, algo que possa evocar, de alguma maneira, no horizonte, o fundo dessa demanda que existe no fato de entrar no campo da terapêutica analítica, que é, de fato, o que se apresenta imediatamente.

Se essa demanda de morte se situar lá onde a temos colocado, isto é, nesse horizonte da palavra nessa implicação que compõe a base de toda e qualquer articulação possível da palavra, e se for ela que fizer obstáculo, penso que esse esquema lhes mostra talvez um pouco melhor que essa articulação lógica também pode se fazer, mas não sem algumas suspensões ou paradas do pensamento, que se a demanda de morte for algo que represente para o sujeito obsessivo esta espécie de impasse donde resulta o que se chama impropriamente ambivalência, que é antes este movimento de balanço ao qual o obsessivo é reenviado, como em ambas as extremidades de um impasse do qual ele não pode sair. Se efetivamente essa demanda de morte for esse algo que, como o esquema o articula, precisa ser formulado no lugar do Outro, no discurso do Outro, não é simplesmente em razão de uma história de o que quer seja que interesse, por exemplo, a mãe como tendo sido o objeto deste desejo de morte a propósito de alguma frustração, é essencialmente, e de maneira interna, a demanda na medida em que concerne a esse Outro, porque esse Outro é o lugar da demanda, implica a morte da demanda.

A demanda de morte não pode se sustentar no obsessivo, isto é, na medida em que está organizado conforme as leis da articulação significante, sem, em si mesma, provocar esta espécie de destruição que aqui chamamos de morte da demanda. Está condenada a essa oscilação sem fim que faz com que assim ela esboce sua articulação, essa articulação se extinga, e é exatamente isso que é o fundo da dificuldade de articulação da posição do obsessivo.

É isso mesmo que nos faz dizer que entre a relação do obsessivo, do sujeito obsessivo à sua demanda, e essa manutenção do Outro [ $\$ \langle \rangle D$ ] que lhe é tão panicamente necessária, mas que o mantém, pois caso contrário ele seria outra coisa que não um obsessivo, encontramos esse desejo anulado em si mesmo, mas cujo lugar está mantido, esse desejo [ $d$ ] que temos caracterizado por uma *Verneinung* pois se exprime, mas de maneira negativa, sob a maneira na qual vemo-lo aparecer efetivamente na análise, quando o analisado nos diz *não é que eu pense em tal coisa*, que ele nos articula o que é um desejo agressivo,

2 de julho de 1958

desaprobativo, depreciativo a nosso respeito. Aí, ele manifesta efetivamente algo que é seu desejo, mas ele não pode manifestá-lo. Esse é o fato que nos dá a experiência concernente à *Verneinung* ele o manifesta sob esse pano de fundo denegado.

Como é que essa forma denegada não esteja menos correlativa de um sentimento de culpabilidade, posto que, em suma, está denegada? É agora, creio, que nosso esquema vai nos possibilitar algumas distinções que servirão novamente mais tarde.

Creio que as obscuridades concernentes às incidências do *superau* que corresponderam à extensão de nossa experiência concernente a essa instância provêm mui essencialmente disso: que convém distinguir concernente à culpabilidade que, afinal, conserva isso, que há uma relação do sujeito à lei, que a culpabilidade nasce sem qualquer espécie de referência a essa lei. É, por outro lado, o fato que nos trouxe a experiência analítica.

Em outras palavras, digamos assim, o passo ingênuo da dialética da relação do pecado à lei, desde que foi articulada na palavra de São Paulo, a saber, que é a lei quem faz o pecado, donde resulta - insisti nisso num tempo - evocando a frase do velho *Karamzov*: *Se não há Deus, então tudo é permitido*. Fica perfeitamente claro que aquilo que a experiência nos traz, foi preciso que houvesse a psicanálise para o trazê-lo. É naturalmente uma das coisas mais estranhas que existe, que o que a experiência nos mostra, é que não há necessidade alguma de uma referência qualquer, nem a Deus nem à Sua Lei para que o homem, literalmente, banhe, nade na culpabilidade. Parece mesmo que se pode formular a expressão contrária, a saber, que *se Deus estiver morto, nada mais é permitido*. Já contei isso tudo em seu tempo.

Como, pois, vamos tentar entender e articular essa relação tal como ela surge na vida do sujeito neurótico, que se chama aparição do sentimento de culpabilidade?

Voltemos aos primeiros passos da análise nesse sentido. A que propósito Freud faz aparecer como fundamental, como concernente a uma manifestação subjetiva essencial do sujeito?

É a propósito do complexo de Édipo. É mui exatamente na medida em que os conteúdos da análise faziam surgir para nós a relação de um desejo que não era qualquer um, que era um desejo até este momento profundamente oculto, que era o desejo pela mãe, com o que a intervenção de um personagem que é o pai, tal como surgiu das primeiras apreensões do complexo de Édipo, destruidor, e esse pai que, nomeadamente, intervém sob a forma dos complexos dados primeiramente pelos fantasmas de castração, igualmente descoberta da psicanálise, descoberta da qual absolutamente não se suspeitava antes da análise, descoberta cujo laço penso ter articulado para vocês este ano, laço com a necessária impensabilidade, fora o fato de que o falo tem esse papel, mui precisamente, de ser levado à significação de significante de uma imagem, uma imagem privilegiada, vital, a saber, a imagem do falo, mas que, aqui, ganha função desse algo que, em suma, vai marcar essa espécie de incidência, de impacto no qual o desejo está marcado pela interdição.

De fato, se quisermos distinguir as três etapas que correspondem estritamente àquelas que estão esquematizadas, 1, 2, 3, nas quais tudo quanto se refere em nossa experiência ao *superau* deve se articular, diremos, no nível desta linha de horizonte que precisamente é a que não se formula no neurótico. E é precisamente por isso que ele é neurótico. Aqui reina a ordem, o comando, chamem-no como quiserem, chamem-no os dez mandamentos - por que não? - posto que eu lhes disse que os dez mandamentos eram mui provavelmente os mandamentos que são as leis da palavra, a saber, que todas as desordens começam a entrar no funcionamento da palavra no momento em que os dez mandamentos não são mais

2 de julho de 1958

respeitados, obedecidos. Tomemo-lo aí sob uma forma qualquer. Trata-se da demanda de morte, e é evidentemente o *não matará* que está aí no horizonte para disso fazer o drama. Mas vocês vêem que não é mais porque há como resposta nesse lugar castigar aquele que mata que efetivamente o mandamento toma seu impacto; é mui, mui precisamente porque a demanda de morte, por razões que dependem da estrutura do Outro para o homem a demanda de morte é equivalente à morte da demanda.

Isso é o nível do mandamento. Esse nível do mando existe, ele existe tão bem que, na verdade, emerge por si só. Não esqueçam que se lerem as anotações que Freud fez sobre seu caso de obsessão, o *Homem dos ratos*, ele lhes dirá - trata-se do suplemento publicado na Standard Edition nesse muito bonito complemento onde vemos nas anotações certos elementos cronológicos aparecerem, que são muitíssimo preciosos a conhecer, ele lhes dirá que, primeiro, aquilo de que o sujeito fala como conteúdo obsessivo, são as ordens que recebe, e vocês conhecem a importância dessas ordens que o sujeito recebe: *Passarás teu exame antes da tal data*, ou, diz ele, o que aconteceria se recebesse a ordem: *Tu vais te cortar a garganta*, e vocês sabem em que estado de pânico ele entra quando lhe vem ao espírito a ordem: *Vá cortar a garganta da velha dama* que naquele momento retém seu inimigo longe dele.

Vemos esses mandamentos aparecerem num outro contexto, e da maneira mais clara nos psicóticos que, vocês sabem, recebem esses mandamentos e é um dos pontos firmes da classificação do psicótico, saber em que medida ele obedece.

Em resumo, a autonomia dessa função no horizonte dessa relação do sujeito à palavra do mandamento é algo que devemos considerar como fundamental.

Esse mandamento pode permanecer velado. Está velado, fragmentado, só aparece por pedaços em nosso obsessivo. Onde vamos situar a culpabilidade?

A culpabilidade, como diria o Sr. de La Palice, é uma demanda sentida como interdita, e, na verdade, habitualmente sentida como tal, e eu diria que tudo se anoda no termo interdição, ficando eludida a noção de demanda, parecendo que ambas vão juntas. Porém, isso não é bem assim, como veremos, mas algo fenomenológico cuja dimensão essencial peço que se lembrem, e fica-se estupefacto que nenhum analista, ou algum fenomenologista tenha pensado. Por que ela é sentida como proibida? Como se fosse pura e simplesmente sentida como interdita? Porque, como se diz, é resguardada, não haveria nenhum problema. Como vemos aparecer na clínica ao nível em que estamos habituados a dizer que a culpabilidade intervém? As distinções que fizemos, nós as fizemos ao articular o de que se trata, e pode ser que nos ajudem a articular o que se chama por “culpabilidade neurótica”, que consiste em quê?

A culpabilidade neurótica, consiste em quê? É um fato, que ela não está articulada como tal, e que ela não é um critério. Ora, é essencial de fazer dela um critério, a demanda é sentida como proibida, uma demanda ou mais exatamente um sentimento de culpabilidade, na medida em que é a propósito de tal aproximação, aproximação de demanda, e é precisamente nisso que ele se distingue da angústia difusa da qual vocês sabem como é diferente de uma demanda, e sentido como interdito que se chama surgimento do sentimento de culpa, na medida em que ela é sentida como proibida porque ela mata o desejo. É na relação do desejo à demanda, no fato que tudo quanto vai na direção de uma certa formulação da demanda é acompanhado por um móbil, por um mecanismo do qual vemos se os traços aqui, os fios escritos neste pequeno grafo sobre o quadro, mas que

2 de julho de 1958

justamente porque está neste pequeno grafo, justamente por isso, não pode ser sentido, determinado em seu móbil vivido, em seu impulso pelo sujeito, porque o sujeito está condenado a estar sempre em algum desses lugares, mas ele não pode estar em nenhum destes lugares ao mesmo tempo. Isso é que é a culpabilidade. É este algo onde aparece a interdição, desta vez não na medida em que formula, mas na medida em que concerne ao desejo que o faz desaparecer, que ela o mata.

Eis, pois, algo claro. É na medida em que o obsessivo está condenado a travar sua batalha de salvação para sua autonomia subjetiva, como se diz, no nível do desejo, que tudo quanto aparece nesse nível do desejo, mesmo sob uma forma denegada, está ligado a esta culpabilidade, e o que abaixo disso, isto é, no terceiro nível, aquele que chamamos nesta oportunidade, ninguém contestará, o do *supereu*, que chamam, não sei muito bem por que, na observação que acompanhamos na Revista de Psicanálise, de *supereu* feminino. Por que feminino? Digamos materno. Enfim, ele é habitualmente considerado como o *supereu* materno em todos os outros textos do mesmo registro. Há aí uma anomalia inerente à própria observação e a esta espécie de obsessão gerada pelo fato de que se trata aí da inveja do pênis e de algo que interessa à mulher como tal.

Pois este *supereu* materno, arcaico, ao qual estão ligados os efeitos do *supereu* primordial do qual fala Mélanie Klein, é algo de que evidentemente agora entendemos que tenha sido colocado, por assim dizer, na mesma perspectiva, na mesma linha de colocação que aquilo que ocorre no nível do mandamento da culpabilidade, ligado, em suma, como vêm, ao Outro do Outro. É ao primeiro Outro, na qualidade de puro e simples suporte das primeiras demandas, das demandas, se assim posso dizer, emergentes, das demandas, eu quase diria inocentes, do sujeito, no nível destas primeiras articulações choramingantes de sua necessidade no nível sobre o qual tanto se insiste hoje em dia, das primeiras frustrações, o que temos aí? Temos o que chamamos de dependência. E efetivamente, é em torno desse algo que se chama dependência que tudo quanto concerne ao *supereu* materno se articula.

Aqui, o que é que faz com que possamos pô-lo no mesmo registro? Pô-lo no mesmo registro, e não distingui-lo fundamentalmente? Isso quer dizer que essa estrutura de dois patamares que vemos aqui, já deve estar aí. Se, no início, não houvesse senão a lactante e a mãe, se a relação fosse dual, seria algo totalmente diferente daquilo que articulamos na relação da ordem, na relação da culpabilidade.

É mui precisamente porque é preciso admitir desde a origem, que pelo único fato de que se trata do significante, haja esses dois horizontes da demanda, o que expliquei dizendo que mesmo atrás da demanda mais primitiva, a do seio materno, há atrás desse desdobramento criado na demanda pelo fato de que a demanda de amor, e demanda absoluta, e demanda que simboliza o Outro como tal, que distingue o outro, pois, como objeto real, capaz de dar tal satisfação, do Outro na qualidade de objeto que dá ou nega aquilo que se chama presença ou ausência, e que é a matriz na qual vão se cristalizar estas relações fundamentais que estão no horizonte de toda e qualquer demanda, e que se chama o amor, por um lado, o ódio, por outro, e a ignorância, evidentemente.

É porque a primeira relação de dependência está ligada a essa ameaça que se chama perda de amor, e não simplesmente a essa ameaça que se chama fome ou privação dos cuidados maternos, que ela é algo que, já em si, é homóloga àquilo que, a seguir, se organizará, se articulará na perspectiva mandamento, a saber, na perspectiva das leis da palavra. Desde então elas já estão aí prementes, virtuais, pré-formadas, desde a primeira demanda. Elas não são completadas, elas não estão articuladas, e é por isso que um bebê não começa, desde

2 de julho de 1958

sua primeira mamada, a ser uma obsessiva, mas desde sua primeira mamada ela pode muito bem começar a criar essa hiância que fará com que seja precisamente na recusa de se alimentar que ela encontrará o testemunho exigido por ela do amor de sua parceira materna.

Em outras palavras, poderemos ver aparecer mui precocemente as manifestações da anorexia mental.

O que é que especifica o caso do obsessivo? O caso do obsessivo que está justamente suspenso na formação precoce, a esse horizonte da relação da demanda, daquilo que temos primeiro articulado como demanda de morte. A demanda de morte não é pura e simplesmente, e por si, tendência mortífera. É uma demanda articulada, e é justamente por isso que não ocorre a esse nível da relação ao outro, que não é relação dual, que visa além do outro, seu ser, seu ser simbolizado, e é também por isso que, aliás, é ressentida, pelo sujeito vivida, em seu retorno. É porque o sujeito não pode atingir o Outro (mas como ele é um sujeito falante, e unicamente por isso) sem se atingir a si mesmo, é que a demanda de morte é morte da demanda.

É no interior disso que vai se situar tudo quanto chamarei de os avatares do significante falo, porque, na verdade, não vejo como não cair na estupefação quando ele é visto - quando se sabe ler - ressurgir em todos os pontos desta fenomenologia do obsessivo. Nada mais permite conceber essa espécie de polipresença do significante falo, no nível dos diferentes sintomas, se não se fizer essencialmente, se não se encontrar aí a confirmação da função do falo como significante da incidência do significante sobre o vivo, na medida em que, por sua relação à palavra, está destinado a se fragmentar em todo tipo de efeitos de significante.

O que encontramos? Dizem que essa mulher está possuída pelo *Perisneid* Admito. Mas então, por que a primeira coisa que encontramos na própria observação concerne a suas obsessões, e a primeira coisa citada é o receio obsessante de ter contraído a sífilis, o que a levou, escrevem, a se opor, por sinal em vão, ao casamento de seu filho mais velho, de seu filho do qual lhes falei muito pela significação que tem ao longo de toda esta observação.

Afinal de contas, aí está. É bastante simples. Milagres e passes de mágica aos quais deveríamos prestar mais atenção como tais, dizer-lhes que conviria de vez em quando fazer brilhar novamente um pouco, lustrar nossa capacidade de admiração. O que vemos nos sujeitos obsessivos masculinos? O medo de serem contaminados e de contaminarem, algo que a experiência corriqueira nos mostra até que ponto ela é importante. O obsessivo masculino geralmente foi bastante precocemente iniciado aos perigos das doenças ditas venéreas, e todos sabem o lugar que isso ocupa em sua psicologia num número muito grande de casos. Não digo que isso seja constante, mas podemos interpretá-lo, somos acostumados a interpretá-lo como algo que vai muito além da *racionalidade* da coisa. Isso existe em Hegel, como sempre, e, desde algum tempo, as coisas andam tão bem, graças a algumas intervenções medicamentosas, nem por isso o obcecado deixa de ser obcecado, muito obcecado, no que concerne a tudo quanto seus atos podem gerar, seus atos impulsivos na ordem libidinal, e nós, nós seremos acostumados a considerá-lo como algo que é o quê? É que sob esta impulsão libidinal, a impulsão agressiva transparece, que, de alguma maneira, o falo é alguma coisa perigosa.

Se nos restringirmos à noção de que o sujeito está numa relação digamos, de exigência narcísica para com o falo, parece muito difícil de fazer motivá-lo. Por quê? Justamente



2 de julho de 1958

porque nesse nível, ele[ela] faz dele esse uso estritamente equivalente àquele que fará um homem, a saber, que por intermédio de seu filho, essa mulher se considera como perigosa. Ela o dá, nessa ocasião, como, de alguma forma, seu prolongamento, isto é, que, conseqüentemente, nenhum *Penísnaída* detém; ela o tem sob a forma de seu filho, ela o tem muito bem, esse falo, posto que é nele que vai se cristalizar a mesma obsessão que um doente masculino se fará na mesma oportunidade.

As obsessões infanticidas que seguem, até as obsessões de envenenamento e as outras, não vou me eternizar sobre isso agora, o que se pode dizer, muito rapidamente, é que algo na observação e em todo seu alcance vai confirmar o que estamos adiantando sobre o assunto, e eu digo isto porque vale a pena: *A própria violência de suas queixas contra sua mãe eram o testemunho da imensa afeição que ela tinha por ela*, dizem, após algumas hesitações sobre a possibilidade ou a impossibilidade de uma relação verdadeiramente edipiana, trazendo argumentos que são totalmente estranhos à questão. *Ela a achava de um meio mais elevado que o de seu pai, a julgava mais inteligente, era particularmente fascinada por sua energia, seu caráter, sua autoridade, seu espírito de decisão*

É a primeira parte de um parágrafo onde se trata de nos mostrar algo que incontestavelmente existe, a saber, o desequilíbrio da relação parental, o lado, eu diria, oprimido e até deprimido do pai na presença de uma mãe que pode ter sido, antes de mais nada, viril. É assim que se interpreta o fato de que o sujeito exige, de qualquer forma, que o atributo fálico, de algum modo, lhe seja ligado.

*Os raros momentos em que a mãe descansava a enchiam de uma alegria indizível. Mas até aqui, nunca se tratou de desejo francamente sexualizado de posse da mãe*

Não há nenhum traço do que quer que seja que se assemelhe a isso.

Vejam como se expressam:

*Renée estava ligada a ela num plano exclusivamente sadomasoquista. E eis que vêm à tona a aliança mãe-filha que atua aqui com extremo rigor, e cada transgressão do pacto provocava um movimento de extrema violência que, até estes últimos tempos, nunca fora objetivada. Toda e qualquer pessoa que se imiscuísse nessa união era objeto de desejos de morte*

Esse ponto é verdadeiramente importante. Vocês o reencontrarão não somente nas neuroses obsessivas, mas esses poderosos laços da filha à mãe, sob qualquer ângulo que lhe vejamos a incidência em nossa experiência analítica, essa espécie de nó em que nos encontramos mais uma vez, diante de algo que vai além de uma espécie de distinção, eu diria, da distinção carnal entre os seres, que faz com que o que se exprime aqui seja exatamente essa ambigüidade, essa ambivalência, como a chamei há pouco, que faz equivaler a demanda de morte e a morte da demanda, mas que, além disso, nos mostra que a demanda de morte está presente - não digo nada de novo, pois Freud se apercebeu muito bem disso; a demanda de morte que a Sra. Mélanie Klein tentará nos referir às pulsões agressivas primordiais do sujeito - mas a observação nos mostra que não é simplesmente o laço que une o sujeito à mãe. A demanda de morte é a demanda da própria mãe. É na medida em que a mãe porta em si essa demanda de morte, e toda a observação nô-lo mostra, que ela a exerce sobre esse infeliz personagem paterno, cabo da polícia, que, apesar de sua bondade e de sua gentileza das quais a doente fala no início, se mostra, durante sua vida, triste, deprimido, taciturno, não conseguindo superar a rigidez da mãe, nem vencer o afeto de sua mulher por um primeiro amor por sinal platônico, ciumento e só quebrando

2 de julho de 1958

seu mutismo, rompendo-o para uma demanda da qual ele sempre saía vencido. Naturalmente, ninguém duvida de que a mãe esteja envolvida nisso.

Dizem-nos que isso se traduz sob a forma e o ângulo daquilo que se chama a mãe castradora. Oportunamente, se deve examinar as coisas mais atentamente e ver que aqui, em suma, o termo da demanda de morte, a saber, muito mais que castração, privação, para aquele homem, do objeto amado que a mãe parece ter sido, e inauguração nele dessa posição depressiva que é a que Freud nos ensina a reconhecer como sendo determinada por um desejo de morte sobre si mesmo, mas sobre si mesmo na medida em que visa o quê? Um objeto amado e perdido. Em suma, que a dialética da demanda de morte, na medida em que está presente, já e aqui, na geração anterior, será que é a mãe que a encarna? É essa demanda de morte, na medida em que aqui ela não está mediatizada por nada, não no nível do sujeito, pois se ela não foi mediatizada por nada ao nível do sujeito, se não houvesse esse horizonte edípiano que permite, em suma, a essa demanda aparecer no horizonte da palavra, e não em sua imediatez, não teríamos um[a] obsessivo[a], mas um[a] psicótico[a].

Em contrapartida, essa demanda de morte, na relação entre o pai e a mãe, para o sujeito não é, de alguma maneira, mediatizada por nada que testemunhe aqui de um respeito pelo pai, de uma colocação em posição de autoridade e de suporte da lei pela mãe para com o pai. A demanda de morte de que se trata no nível em que o sujeito a sente, a vê exercer-se entre a mãe e o pai, é uma demanda de morte diretamente exercida, diretamente manifestada nesse algo por meio do qual o pai reenvia a agressão contra si mesmo, a tristeza, a quase surdez e a depressão; ela é completamente diferente dessa demanda de morte de que poderia se tratar, de que se trata sempre em toda e qualquer dialética intersubjetiva, e que se exprime perante um tribunal, quando o procurador diz: *Eu peço a [pena de] morte*; e ele não a pede ao sujeito de quem se trata; ele a pede a um terceiro que é o juiz, e essa é a posição edípiana normal.

Eis, pois, em meio a que contexto o *Penisneid* do sujeito, ou o que é assim chamado, é levado a desempenhar seu papel. Vemo-lo aí sob a forma dessa arma perigosa. O que isso quer dizer? Ela não está aí senão como significante do perigo manifestado por todo e qualquer surgimento do desejo no contexto dessa demanda, e veremos esse caráter de significante, nós o veremos até nos detalhes de certas obsessões do sujeito. Uma de suas primeiras obsessões foi muito bonita: era temer colocar alfinetes na cama de seus pais, e por quê? Para espetar sua mãe, não seu pai.

Eis o primeiro nível de aparição do significante fálico. Aí, qual é ele? Ele é significante desse desejo na medida em que é perigoso, desse desejo na medida em que é culpado. Penso que não é a mesma função na qual ele aparece em outro momento. Aliás, ele não aparece sob a mesma forma, ele aparece de maneira totalmente clara, a saber, aí, propriamente falando, sob sua forma de imagem. Afinal, em todo lugar em que lhes mostrei, ele está velado, ele está no sintoma, ele vem de alhures, ele é interferência fantasmática, isto é, somos nós, enquanto analistas, aos quais ele sugere o lugar onde ele existe como fantasma. Mas penso que é outra coisa, quando esse falo aparece numa função totalmente diferente que quando ele se projeta, por assim dizer, na frente da imagem da hóstia para o sujeito. Eu já aludi a esta espécie de obsessões profanatórias, pelas quais o sujeito é habitado, e nos parece que, na medida em que a vida religiosa sob esta forma profundamente remanejada, infiltrada de sintomas onde ela se apresenta no obsessivo, e à qual, aliás, por uma espécie de curiosa conformidade, essa vida religiosa, e especialmente essa vida sacramental, se demonstra tão apropriada para dar aos sintomas do obsessivo a

2 de julho de 1958

via, o sulco no qual ele se aloja tão facilmente, é na medida em que, especialmente na religião cristã - não tenho grande prática de obsessão nos muçulmanos, por exemplo, mas valeria a pena ver como eles se saem disso, quero dizer, que ofício o horizonte de suas crenças, tal como está estruturado no Islã, vem aqui se implicar na fenomenologia obsessivo. Certamente, no cristianismo, não se pode não ver, e toda vez que Freud teve um obsessivo, fosse ele o *Homem dos ratos* ou o *Homem dos lobos*, de formação cristã, ele mostrou muito bem sua importância em sua evolução e em sua economia. Não se pode não saber que, por seus artigos de fé, a religião cristã nos coloca frente a essa solução surpreendente, ousada, atrevida, é o mínimo que se pode dizer, de fazer efetivamente suportar por algo que é homem-deus, uma pessoa encarnada, justamente suportar por ele essa função, posto que ele é o verbo, essa função do significante na qual dizemos que está marcada, justamente, a ação do significante sobre a vida como tal.

O *Logos* cristão, na medida em que é o *Logos* encarnado, dá uma solução precisa a esse mistério das relações do homem com a palavra, e não é por nada, justamente, que o Deus encarnado se chamou o Verbo.

Que seja ao nível do próprio símbolo sempre renovado dessa encarnação que o sujeito faça aparecer o significante falo, que vem aí substituí-lo para ela, e que, evidentemente, não faz parte do contexto religioso, não temos que estranhar, se o que dizemos é verdade, vê-lo aparecer nesse lugar. Mas quando o sujeito o vê aparecer nesse lugar, é bem certo que ele desempenha aí um papel completamente diferente daquele lá em que o vimos interpretado primeiro, e creio que depois é totalmente abusiva, num ponto ulterior da observação, interpretar a função do significante falo como homóloga, no ângulo sob o qual interveio aqui, por exemplo, no nível do sintoma, quando, num período muito mais adiantado da observação, o sujeito comunica a seu analista esse fantasma: *Eu sonhei que estava esmagando a cabeça do Cristo a pontapé, e essa cabeça se parecia com a sua.*

É certo que, naquele momento, a função do falo está identificada, não como se crê dever dizê-lo ao analista, na medida em que o analista seria portador do falo, mas na medida em que é no nível da transferência, nesse ponto da história da transferência, que o analista está identificado ao falo. Ele está identificado, naquele momento, àquele que, para o sujeito, encarna, justamente, esse efeito do significante, essa relação à palavra da qual ela começa, naquele momento, um pouco mais a projetar pelo efeito de um certo número de efeitos de relaxamento, e que, interpretá-lo de maneira homogênea em termos de *Penisneid*, naquele momento, é justamente perder a oportunidade de estabelecer uma relação entre a paciente e o que há de mais profundo em sua situação, a saber, dar-se conta da relação, talvez, que num tempo remoto, foi feita por ela entre este algo *x* que provocou fundamentalmente para com o Outro, essa demanda do Outro, de morte da demanda, e a primeiríssima percepção, a forma sob a qual, para ela, apareceu logo no início a rivalidade intolerável, a saber, no caso, o desejo da mãe como esse amor distante que ao mesmo tempo a distraia de seu marido e de seu filho, por exemplo.

Certamente, em todo caso, o fato de que o falo, aqui, e de maneira repetida - pois há um segundo exemplo dado depois - apareça nessa posição, a saber, em algum lugar que, seja - deve se situar ao nível do significante do Outro como tal, enquanto atingido, enquanto barrado, enquanto idêntico à mais profunda significação que o Outro tenha atingido [*S(A)*], para o sujeito não deve ser negligenciado como tal, - e, por outro lado, quando o falo aparece em outro momento da análise, num momento da análise que lhe é ligeiramente posterior, porque naquele momento já entraram em consideração muitas interpretações que fizeram-no vir sob esse ângulo, à luz do dia, a saber, nesses sonhos em que a paciente - é

2 de julho de 1958

um desses sonhos mais comuns que se observam, eu diria, na maior parte das neuroses, em que a paciente se percebe ela mesma como um ser fálico, isto é, vê um de seus seios substituído por um falo, ou um falo situado entre seus seios. É um dos fantasmas oníricos mais freqüentes que pode ser encontrado em qualquer análise.

Devo dizer que a questão me parece ligada a outra coisa, totalmente diferente, nesta oportunidade, que não a um desejo, como se diz, de *identificação masculina com posseção fálica*. Com efeito, especula-se *se ela vê seus próprios seios transformados em pênis, da transfere para o pênis do homem toda a agressividade oral dirigida primitivamente contra o seio materno?*

É um modo de raciocínio, mas, por outro lado, se observa a extrema extensão sob sua forma dada, pelo fato de que, por outro lado, suas formas podem ser, elas mesmas - isto é bem conhecido - essencialmente polifálicas. Eu quero dizer que desde que há mais de um falo, eu quase diria que nos encontramos diante de uma imagem totalmente fundamental que a Diana efesiana nos dá bastante nessa espécie de jorro de seios do qual, de certa forma, todo seu corpo é feito.

Eis, posto que o analista já fez a equivalência, naquele momento, do sapato com o falo, o que essa paciente vê, o que se segue imediatamente - quero dizer que isso se segue imediatamente às duas primeiras tentativas, e é considerado, aliás, como confirmando-as. *Mandei consertar meu sapato por um sapateiro; depois subo sobre um estrado decorado com lampiões azuis, brancos, vermelhos, onde só há homens. Minha mãe está na multidão e me admira.*

Podemos aqui nos contentar em falar de *Penisniçã*? Não é evidente que aqui a relação ao falo é de outra ordem que não o sonho de que se trata? E indica que está ligado à relação de exibição; de exibição não diante daqueles que o têm. Os outros homens que estão com ela sobre o estrado, e dos quais, é quase belo demais dizê-lo, os lampiões azuis, brancos, vermelhos, evocam para nós toda sorte de segundos-planos diversamente obscenos, e que é diante de sua mãe, e como tal, que ela se exhibe; em outras palavras, aqui nos encontramos frente a essa relação fantasmática, compensatória, de que eu falava na última vez, essa relação de potência, sem dúvida, mas de potência em relação ao terceiro que é sua mãe, que é algo que se produz nesse nível na relação em que o sujeito está como a imagem de seu semelhante, desse *pequeno outro* da imagem do corpo, e que o que deve ser estudado é precisamente a função dessa relação fantasmática no equilíbrio do sujeito, que de interpretá-lo e de assimilá-lo pura e simplesmente à função e à aparição do falo, aos outros pontos, é também algo que testemunha, eu diria, de uma falta de critério na orientação da interpretação, pois, afinal de contas, a que querem chegar todas as intervenções do analista nessa observação? A facilitar nela aquilo que ele chama de “tomada de consciência de não sei qual falta, nostalgia do pênis” como tal, e facilitando-lhe a solução de seus fantasmas, centrando sobre esse fantasma como tal, como sendo um fantasma de menor potência, enquanto a maior parte dos fatos vai contra essa interpretação.

O que a analista faz, ao devolver à paciente ou ao sujeito, digamos, o falo legítimo? Muda-se-lhe o sentido. Quero dizer com isso que se faz algo que corresponde aproximadamente a ensiná-lo a gostar de suas obsessões, pois, de fato, é o que nos é dado como o resultado dessa terapêutica: as obsessões não diminuíram, simplesmente ela não as sente mais, a doente, como culposas, o que é feito por uma operação essencialmente centrada sobre a trama dos fantasmas e sobre a valorização desse fantasma, como de um fantasma de rivalidade com o homem, suponham... por uma simples suposição, transferida de não sei qual agressividade para com a mãe cuja raiz não é atingida.

2 de julho de 1958

É algo que desemboca nisso: é que, em suma, a trama das obsessões está, pela operação autorizante do analista, dissocia dessa demanda de morte fundamental. Mas eu diria que, operando assim, isto é, legitimando, afinal de contas - pois não se pode legitimar a não ser em bloco em toda a medida em que o fantasma está autorizado pela interpretação - é que o abandono da relação genital é consumida como tal. Eu quero dizer que a partir do momento em que o sujeito aprende a gostar de suas obsessões como tais, na medida em que elas são investidas da plena significação daquilo que está lhe ocorrendo, vemos se desenvolverem no fim da observação toda sorte de intuições, sem dúvida alguma extremamente exaltantes. Peço-lhes que se reportem a isso, porque a hora está avançada demais para que eu possa lhes fazer a leitura hoje.

Mas certamente isso tem, completamente, o aspecto desse estilo de efusão narcísica que alguns têm realçado como fenômeno sobrevivendo no fim das análises, e sobre o qual, por sinal, o autor não tem ilusões. *O traço positivo* escreve, *é precisamente com suas características de Édipo mui fortemente genitalizado*

E é sobre uma nota de profundo inacabamento, e devo dizer, de muito poucas ilusões concernentes a uma “solução verdadeiramente genital”, como se diz, concernente à conclusão, ao fim dessa análise, que ele mesmo conclui.

O que me parece que não foi visto é, precisamente, que isso está em correlação estreita com o próprio modo da interpretação, a centragem de uma interpretação sobre algo que, afinal de contas, visa à redução da demanda, e não à sua elucidação profunda, e isso é tanto mais paradoxal hoje em dia que se costuma mostrar a importância da interpretação da agressividade como tal. Talvez esse termo, justamente, esteja vago, incerto para que os práticos o entendam sempre, e que o termo demanda de morte que lhe seria substituído, que lhe seria substituído com grande vantagem em alemão, o que é exigível de se atingir como nível da articulação subjetiva da demanda.

Ao terminar, eu gostaria, já que aludi há pouco a algo que se chamava os mandamentos, de chamar sua atenção sobre algo, posto que falei também do cristianismo, que justamente não é um dos mandamentos menos misteriosos daquilo que poderíamos chamar, não uma moral, pois, na verdade, não é um mandamento moral, é um mandamento justamente fundamentado sobre a identificação, é aquele que, no horizonte de todos os mandamentos, é promovido pela articulação cristã sob o termo de *amarás a teu próximo como ti mesmo*

Não sei se já se detiveram sobre aquilo que isso comporta. Isso comporta toda sorte de objeções bastante surpreendentes. Primeiro, as belas almas dirão: *Como a ti mesmo!* Mas mais: *Por que como a ti mesmo? É muito pouco* Por outro lado as pessoas de mais experiência dirão: *Mas afinal, será que está tão certo que alguém se ama a si mesmo?* A experiência prova que temos os sentimentos mais contraditórios quanto a nós mesmos, os mais singulares, e que, afinal, essa referência ao *ti mesmo* que repentinamente parece colocar numa certa perspectiva, se o tomarmos numa certa perspectiva, o egoísmo no coração, e como mensurar, modular o paradigma do amor. É uma das coisas que mais surpreendem.

Creio, na verdade, que essas objeções são perfeitamente válidas e poderiam mui facilmente encarnar a impossibilidade de responder a essa espécie de interpelação na primeira pessoa; nunca ninguém supôs que a esse *amarás a teu próximo como a ti mesmo*, um *eu amo a meu próximo como a mim mesmo* possa responder, porque é evidentíssima a fraqueza dessa formulação.

De fato, creio que se alguma coisa permitir deter-se nessa formulação, como em algo que nos interessa, que nos interessa profundamente e que, de alguma forma, ilustra o que

2 de julho de 1958

chamei de horizonte do mandamento, o horizonte da fala, é algo que faz com que, se nós o articularmos de lá de onde isso deve partir, isto é, do lugar do Outro, tão sistemática e paralelamente no ponto certo: *Tu és aquele que me mata* que eu lhes mostrava aqui subjacente à tomada de posição do Outro no simples nível da primeira demanda, o *amarás a teu próximo como a ti mesmo* é um círculo e *tu* nos conduziu nesse *ti mesmo* a não reconhecer outra coisa a não ser *tu* ao nível do qual o próprio mandamento se articula a terminar por um *como a ti mesmo*, como ti mesmo, *tu és* [tu es], no nível da fala, aquele que *tu odias* na demanda de morte, que *tu odias* porque *tu* o ignoras.

É nesse nível que o mandamento cristão alcança aquele que nos dá o ponto de horizonte onde se articula a diretiva de Freud: *Wo Es war, soll Ich werden*. É também a mesma coisa que outra sabedoria exprime, no *tu és* que deve, afinal, terminar numa assunção autêntica e plena do sujeito em sua própria palavra, que ele reconheça onde está, nesse horizonte da palavra que é aquele sem o qual nada na análise pode ser articulado, a não ser erros de direção e desconhecimentos.